

MUSEU DO HOMEM DO SAMBAQUI “PE. JOÃO ALFREDO ROHR, SJ”: O ACERVO ARQUEOLÓGICO E NOVOS DESAFIOS

Jefferson Batista Garcia¹

Museu do Homem do Sambaqui Pe. João Alfredo Rohr, S.J.

RESUMO: Apresentamos aqui um breve ensaio sobre o nosso tentame com relação à conservação do patrimônio arqueológico pertencente ao Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, SJ”. Parte dessa experiência já foi apresentada no 3º Seminário de Política de Acervos, em 2016, na UDESC, resultando no presente trabalho. Procuramos salientar a problemática encontrada por nós no que tange à gestão do patrimônio arqueológico do acervo do MHS. Proporcionamos um breve histórico da instituição para demonstrar como alguns problemas encontrados nas reservas técnicas estavam relacionados com a história dela, do seu fundador e quais os procedimentos emergenciais adotados e atividades de curadoria ainda em curso na instituição com o apoio do mantenedor.

PALAVRAS-CHAVE: Conservação. Patrimônio Arqueológico. Museu. Reservas.

ABSTRACT: *We present a short essay about our tentame regarding the conservation of the archaeological heritage which belongs to the Museum of Man of Sambaqui " Pe . Joao Alfredo Rohr , SJ " . Part of this experience has been presented at the 3rd Policy Seminar on Archives in 2016 in UDESC , resulting in this work. We seek to highlight the problems found by us in relation to the management of the archaeological heritage of the MHS collection. We provide a brief history of the institution to demonstrate how some problems encountered in the technical reserves were related to her story , the founder and which adopted emergency procedures and curation activities ongoing in the institution with the support of the maintainer.*

KEYWORDS: *Conservation. Archaeological Heritage. Museum. Reservations.*

¹ Bacharel em História pela PUCRS; pós-graduando em Arqueologia, Gestão e Educação Patrimonial pelo Instituto Politécnico do Tomar, Portugal; mestrando em Patrimônio Cultural e Sociedade, com concentração em Arqueologia e Cultura Material, da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE. Desenvolve pesquisas na área da Arqueologia Preventiva, é sócio-proprietário da *Artefatos Pesquisas Arqueológicas* e responsável técnico em Arqueologia do *Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.”*. Email: jeffersonbg@colegiocatarinense.g12.br

MUSEU DO HOMEM DO SAMBAQUI “PE. JOÃO ALFREDO ROHR, SJ”: O ACERVO ARQUEOLÓGICO E NOVOS DESAFIOS

Jefferson Batista Garcia

1 Antecedentes da problemática do acervo arqueológico do MHS

1.1. Histórico

O presente ensaio objetiva demonstrar como iniciamos a curadoria do acervo arqueológico sob guarda do Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, SJ”, os problemas encontrados e os métodos empregados. Para isso, entendemos que não seríamos claros o suficiente na exposição da nossa experiência se não apresentássemos um breve histórico do MHS, visto que os problemas de conservação do patrimônio arqueológico, encontrados por nós, estão diretamente relacionados com o histórico das últimas décadas da presente instituição museológica.

O Museu do Homem do Sambaqui recebeu este nome em 1964 pelo seu fundador e um dos nomes mais importantes da arqueologia brasileira: João Alfredo Rohr. No entanto, pelo menos quase seis décadas antes, o “embrião” dessa instituição já havia nascido, mais precisamente em 1909 – quando seu mantenedor não havia nem recebido o *status* de colégio, mas sim de *Gymnasio Catharinense*, alguns anos depois, Colégio Catarinense –, sendo fundado pelos padres jesuítas Boock (reitor) e H. Lanz. Na ocasião, o local era chamado de *Museu do Gymnasio Catharinense* e mantinha as características de um museu de ciências naturais. Em 1923, o Pe. Maute assumiu a direção do museu e, em 1924, adquiriu a primeira grande coleção para a Instituição, oriunda do antigo *Liceu de Artes e Ofícios de Florianópolis*, de acordo com o *Relatorio do Gymnasio Catharinense*, do mesmo ano:

No mez de agosto d’este anno o Gymnasio fez uma aquisição importante. O predio do Lyceo de Artes e Officios, no qual se achava desde uns doze annos o maior museu historico, ethnologico, mineralógico do Estado, foi comprado pelo Governo. O Gymnasio acceitou a oferta, gentilmente feita pelo Snr. Heitor Luz, director d’aquelle estabelecimento, comprando todos os objectos e armarios d’aquelle museu, menos a colleção numismatica (sic). (RELATORIO, 1924, p. 63).

Em 1948, na condição de reitor do Ginásio Catarinense, o Pe. João Alfredo Rohr adquiriu, por meio de compra, uma coleção expressiva de materiais arqueológicos (mais de oitenta mil fragmentos de cerâmicas, urnas funerárias, sepultamentos, materiais ósseos, projéteis líticos, ornamentos e outros), de um morador do Sul da Ilha de Santa Catarina, o comerciante Carlos Behrenhauser.

Na década de 60 do século passado, após a efêmera existência do *Museu do Homem Americano*, na mesma sede, em 1964, o proeminente arqueólogo realizou a abertura do novo museu, com nova releitura do acervo em exposição e com ênfase na temática arqueológica: *Museu do Homem do Sambaqui*.

Passadas duas décadas, em 1984, o Pe. João Alfredo Rohr, SJ, veio a falecer. Sem saber qual a medida mais adequada a ser tomada em relação à continuidade administrativa do Museu, o reitor do Colégio Catarinense decidiu pelo fechamento do MHS.

Mesmo com as portas fechadas até segunda ordem, para a segurança do acervo, isso não segurou e não evitou a proliferação de sujidades, problemas procedentes de fatores ambientais, químicos, físicos e biológicos (SOUZA; FRONER, 2005. p. 8-13), muito pelo contrário, contribuiu para a evolução dessas complicações.

Diante da insistência de muitos arqueólogos para acessar as reservas técnicas do MHS em suas pesquisas, do Ministério Público Federal de SC e da solicitação de um ex-governador do Estado (que propôs uma mesa-redonda para discutir a questão), a nova gestão do Colégio Catarinense não só se comprometeu em reabrir o Museu, mas também em reformá-lo por completo. Em 1992, o MHS reabriu suas portas com um subtítulo, "*Museu do Homem do Sambaqui "Pe. João Alfredo Rohr, S.J."*", em homenagem ao seu fundador, a pedido do Pe. Kuno, o reitor vigente do CC.

2 O Museu do Homem do Sambaqui "Pe. João Alfredo Rohr, S.J." quase três décadas depois

2.1. As reservas técnicas

Uma das principais dificuldades quanto à conservação do patrimônio arqueológico do MHS encontrava-se em suas reservas técnicas: material acondicionado de maneira inadequada (com exceção da reserva técnica dos sepultamentos), temperatura ambiente

imprópria, sujidades e incidência de raios UV. Diante disso, as reservas foram nosso principal foco durante o nosso primeiro ano como técnico da instituição, em 2014.

Além dos problemas mencionados, havia, também, o fato de os materiais arqueológicos estarem todos misturados no mesmo local de armazenamento, ou seja, ósseos, líticos, cerâmicos e etnológicos compartilhavam o mesmo ambiente.

Uma das primeiras medidas que tomamos foi formar uma reserva técnica para cada tipologia de material arqueológico; ou pelo menos deixar materiais que, embora diferentes na sua matéria-prima, poderiam compartilhar o mesmo ambiente e temperatura local: foi o caso de alguns materiais ósseos e etnológicos. Essa formação ainda se encontra em construção, visto o grande número de peças arqueológicas que pertencem ao Museu: quase 300 mil, entre artefatos e fragmentos arqueológicos, oriundos de coleções e dos mais de quatrocentos sítios arqueológicos escavados pelo Pe. João Alfredo Rohr.

2.2. Os raios UV: resolução

O material cerâmico da *Coleção Carlos Berenhauser* fica armazenado em uma sala com ótimo espaço físico, onde é sua reserva técnica. Entretanto, existem duas grandes janelas, típicas dos grandes prédios históricos educacionais jesuítas, construídas ao longo da história do Brasil, que não tinham nenhum bloqueio contra a luz do sol. Assim, a cerâmica ficava exposta aos raios solares do período da manhã, e essa exposição ocorreu durante décadas. Se nenhuma ação emergencial fosse realizada para bloquear tal exposição das peças cerâmicas, poderiam ser comprometidas as informações artísticas e decorativas registradas em tais materiais arqueológicos, como afirmaram os especialistas Jayme Spinelli e J. L. Perdesoli Jr (2010) em relação à incidência de UV:

A radiação ultravioleta induz reações químicas nos materiais, podendo resultar em amarelecimento, formação de resíduos pulverulentos em superfícies (*chalking*), enfraquecimento e desintegração de materiais, dependendo igualmente da vulnerabilidade do material e da dose recebida. A radiação infravermelha provoca o aquecimento (localizado) dos materiais, o que pode resultar em deformações, ressecamento, fraturas, etc. (SPINELLI; PEDERSOLI JR., 2010, p. 28).

A cerâmica arqueológica, normalmente, é “mais resistente” em termos de conservação do que muitos materiais que podemos encontrar em um museu, em exposição ou na reserva. Entretanto, não podemos dizer que a mesma resistência ocorre

em relação à decoração das cerâmicas: ocre, vitrificada, e outras decorações superficiais, dependendo da cultura que as produziu.

Souza e Froner (2008) destacam que:

Materiais confeccionados em argila não são sensíveis à luz, mas os pigmentos, pátinas ou vitrificados coloridos podem alterar sua aparência por ação de raios ultravioleta e calor da luz infravermelha. (SOUZA; FRONER, 2008, p. 10).

Diante da problemática, providenciamos cortinas para bloquearem a incidência de UV na sala. No próximo passo, haveria a instalação de películas escuras nos vidros para o bloqueio e controle total da luz nas reservas.

2.3. Umidade das reservas

Destacamos os problemas com a luz e a temperatura, mas é importante enfatizar que as reservas técnicas do MHS também têm problemas com um dos principais inimigos da conservação do patrimonial cultural e arqueológico mundial, a umidade, sobre a qual Drumond (2005) salienta, considerando o fator temperatura:

A temperatura e a umidade são também agentes físicos cujas ações devem ser cuidadosamente observadas. Podem provocar sérias e, muitas vezes, irreversíveis alterações nos objetos, causadas pela movimentação das moléculas constituintes da matéria, o que se dá por meio de inchaço ou retração [...]. Esta movimentação pode ocasionar tanto o deslocamento da camada de policromia ou craquelês na pintura quanto rachaduras na madeira. (DRUMOND, 2005, p. 115).

Portanto, um dos fatores que ainda se encontram em fase de resolução nas nossas reservas é a questão da umidade que objetivamos revolver após o término da curadoria dos materiais arqueológicos que encontram-se nelas, fazendo parte de uma de nossas etapas de reforma para o local.

3 O acondicionamento adequado do patrimônio arqueológico do MHS

3.1. Recipientes tradicionais: do papelão ao marfinito

Um fator negativo para a preservação do material arqueológico da Coleção Carlos Behrenhauser e para os demais materiais oriundos dos sítios arqueológicos pesquisados pelo Rohr, assim como encontramos em outros museus “tradicionais”, foi o acondicionamento técnico. A ciência avança, se transforma e isso não é diferente com as pesquisas sobre os melhores métodos de conservação do patrimônio arqueológico. O que era considerado adequado na época passou a ser o mais inadequado nos dias de hoje.

Os recipientes que acondicionavam os diversos fragmentos e artefatos arqueológicos de cerâmicas, líticos e ósseos eram de papelão, material considerado, durante muitas décadas, o melhor para guardar acervos arqueológicos em laboratórios universitários e museus. Todavia, hoje sabemos dos grandes danos que recipientes feitos com esse material podem causar aos testemunhos arqueológicos provenientes das escavações.

Os atuais recipientes de papelão encontram-se em estado de deterioração, muitos estão parcialmente destruídos. Em relação a esses aspectos, consideramos que a preservação do material arqueológico encontrado nos recipientes de papelão está em grande risco de conservação, podendo até causar a dissociação de muitos fragmentos, visto o grande avanço do processo de decomposição de algumas caixas, ou comprometer uma futura restauração das peças arqueológicas e conseqüentemente pesquisas arqueológicas sobre as culturas que as produziram.

Com base nessas ocorrências, subsidiados com verbas do Colégio Catarinense e públicas iniciamos a curadoria e a troca das tradicionais caixas de papelão por caixas de marfinita de 15 litros, com 145 x 340 x 425 mm (alt., lar., prof.) começando pelos materiais líticos (nesse caso, projéteis) da Coleção Carlos Behrenhauser.

O método de acondicionamento que entendemos ser o mais adequado, considerando a demanda por análise do material em questão, consistiu na utilização de espuma de 3 cm, saco plástico de 100mm, que serviram para acondicionar cada projétil individualmente.

A preferência por este método é para evitar o máximo o contato com as mãos desprotegidas de um pesquisador durante seu estudo. Dessa forma, ele poderá visualizar, manusear, diminuindo o impacto sobre o material lítico, removendo-o do recipiente somente em último caso.

Considerações Finais

O patrimônio arqueológico é constituído por todos os vestígios humanos encontrados na Terra, ao longo de toda a história da humanidade. Logo, qualquer material que se perca é uma peça que se perde desse grande quebra-cabeças que é a evolução humana, considerando o modo como povoamos o Planeta e a nossa organização social.

Há o reconhecimento nacional e internacional para todos os bens de natureza arqueológica. A UNESCO, por exemplo, chegou a inserir o patrimônio arqueológico na categoria de *bens culturais móveis*, como lembra Emanuela Ribeiro e Aline Silva: “todos os bens móveis que são a expressão ou o testemunho da criação humana ou da evolução da natureza e que têm um valor arqueológico, histórico, artístico, científico ou técnico”. (RIBEIRO; SILVA, 2010, p. 74). Dessa forma, sintetiza-se a relevância da conservação do patrimônio arqueológico para a compreensão das sociedades humanas do passado.

Nossa experiência no contexto museológico nos permitiu perceber a importância de sempre reciclar o conhecimento sobre a preservação do patrimônio arqueológico. Essa reciclagem deve, principalmente, partir dos profissionais que trabalham no contexto de pesquisa de campo e laboratório durante muitos anos e que acabam não experienciando as atividades arqueológicas voltadas à preservação e conservação do patrimônio cultural em locais de memórias.

Temos o apoio total do mantenedor – Colégio Catarinense – deste incrível legado deixado por um dos nomes mais importantes da arqueologia brasileira: João Alfredo Rohr, para a execução técnica de todo projeto de curadoria do patrimônio arqueológico sob sua guarda. É a partir desse apoio que estamos colocando um cronograma em andamento que tem por objetivo desde o término da de todas as reservas até a reforma geral do MHS. Consideramos que, 80% deste cronograma, estará concluído até o término do próximo triênio.

REFERÊNCIAS

DRUMOND, M. Cecília de Paula. **Preservação e Conservação em Museus**. São Paulo, 2005.

RELATÓRIO DO GYMNASIO CATHARINENSE EM FLORIANOPOLIS. Equiparado ao Collegio Pedro II pela Portaria de 23 de Março de 1918. Do Ministerio da Justiça e Negocios Interiores, de conformidade com o Art. 20 do Decreto nº11.530 de 18 de Março de 1915. Publicado no fim do anno lectivo de 1924. Porto Alegre, Typographia do Centro, 1924.

RIBEIRO, E. SAUZA; SILVA, a. de Figueiredo. **Inventários de Bens Móveis e Integrados como instrumento de preservação do patrimônio cultural: a experiência do INBMI/Iphan em Pernambuco**. Pernambuco, 2010.

SOUZA, L. Antônio Cruz; FRONER, Yacy-Ara. **Reconhecimento de materiais que compõe acervos. Tópicos em Conservação Preventiva – 4**. 2005.

SPINELLE, J.; PEDERSOLI, J. L. Jr. **Biblioteca Nacional: Plano de gerenciamentos de riscos: salvaguarda & emergência**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2010.

ANEXO

Material utilizado da curadoria do material lítico da Coleção Carlos Behrenhauser



Foto 1. Antiga caixa de papelão para acondicionamento.



Foto 2. Antigo método de acondicionamento.



Foto 3. Projéteis sem acondicionamento.



Foto 4. Projéteis higienizados.

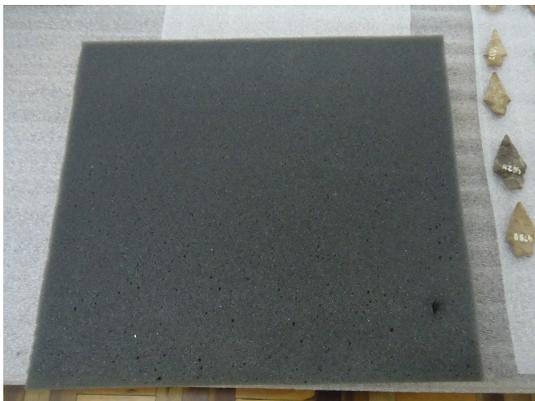


Foto 5. Espuma utilizada no acondicionamento.



Foto 6. Espuma e saco plástico para acondicionamento individual.



Foto 7. Materiais utilizados para a confecção o acondicionamento.



Foto 8. Projétil devidamente acondicionado individualmente.



Foto 9. Caixa de marfinite utilizada para substituir as de papelão



Foto 10. Projéteis sendo colocados na caixa de marfinite.



Foto 11. A primeira camada de projéteis devidamente acondicionados.



Foto 12. Produto final do processo de curadoria da parte lítica da coleção.



Foto 13. Visão geral de parte dos projéteis.



Foto 14. Jefferson Garcia realizando a curadoria.



Foto 15. lâminas de ethafoam entre as camadas.



Foto 16. Jefferson realizando a curadoria no laboratório do MHS.



Foto 17. Finalizando a curadoria dos projeteis.